

Tradição familiar

- O meu pai ele sempre dizia que, “amaldiçoado o dente que come a ultima semente”, que ele guardava. Mesmo nos tempos difíceis, a semente de plantar ele nunca se dispôs dela, ele dava um jeito. Ele tinha um paiol em cima do fogão de lenha, ele empaiolava o milho e ali ele passava 2, 3, 4 anos e não furava por conta da fumaça da fogão. Criava o que a gente chama de tucumã, que é uma sujeira que pega no milho e não da praga de jeito nenhum. De lá pra cá a gente vem guardando e graças a Deus veio esse Projeto da Casa de Sementes.

A satisfação com a casa de sementes

- Eu me sinto muito feliz né, porque se não fosse essa casa de sementes, eu não estaria fazendo essa entrevista que pra mim é muito valiosa. Eu acho que os agricultores vão ficar felizes de saber que essa casa de sementes não é minha, é de todos os sócios de todos os agricultores aqui da vizinhança. Eu tenho falado pra eles (moradores da comunidade) que o caminho é plantar sementes criolas, mesmo com as chuvas poucas. Eles viram o exemplo, aqui choveu pouco e todas essas sementes foram tiradas aqui. Eles acharam excelente o projeto. Na hora que chove, é só vir aqui e dizer quanto quer, mesmo com a devolução.

- Este ano nós vamos ter um bom inverno. Se Deus quiser nós vamos encher esta casa de sementes, porque todos que estão levando, estão dizendo: “nos vamos encher esta casa de sementes”, a gente tá vendo a vontade do povo, isso aqui acho que vai possibilitar uma boa colheita.



Seu Pereira, o guardião das Sementes da Vida



A história de 12 mil anos da agricultura, passa pelo conhecimento tradicional de agricultores e agricultoras do Semiárido, que ao longo do tempo conseguiram selecionar espécies adequadas ao clima e solos da região.

São histórias de resistência e persistência que gerou diversidade, a garantia de segurança e soberania alimentar. São conhecimentos tradicionais, transmitidos de geração a geração, modos de plantar, colher, selecionar e guardar as sementes da vida.

Nesse contexto vamos conhecer a história do agricultor Raimundo Albanir Neto, conhecido por Seu Pereira, 70 anos, mora na comunidade Baixa Verde. Um guardião das sementes da vida, produz em sistema de agrofloresta e é mobilizador da casa de sementes Resgatando Vidas.

A história que segue é narrada pelo próprio agricultor.

Assim ele narra:

- Meu nome é Raimundo Albanir Neto, tenho 70 anos e moro na comunidade Baixa Verde. Quero dizer que estou aqui na perspectiva de melhorar a qualidade de vida das pessoas dessa comunidade. Baixa Verde fica no município de Saboeiro, 28 km da sede. Aqui já é parte da região dos lanhamus, uma região que chove pouco, a média de 350 a 400 milímetros, no máximo 600 por ano. A gente mora aqui e aprendeu a conviver no Semiárido. Quase a maior parte da minha vida eu morei aqui. Eu vim na década de 60, meu pai comprou esse terreno aqui e a gente veio pra cá.

A mudança de hábitos e o contato com a agroecologia

- A gente trabalhava na base da destruição, era brocar e queimar. Graças a Deus, graças a Cáritas, a gente conheceu um técnico, aí a gente mudou a qualidade de vida. aí ninguém queimou mais, nem usou agrotóxico. Veio esse técnico aqui e chamou para a gente encaminhar um projeto de uma agrofloresta, isso foi muito bom. A gente mudou o jeito de trabalhar no Semiárido e a gente percebeu que é possível sobreviver no Semiárido sem estar devastando as terras, sem estar usando agrotóxico. Hoje sou muito feliz com isso, porque me deu muitas oportunidades, muitos conhecimentos. O meu pai de 104 anos, ainda é lúcido, me ensinou muita coisa, é um homem muito sábio, porque ele aceitou tudo isso que eu quis fazer aqui, ele me deu oportunidade.

A casa de sementes resgatando vidas

- A Casa de Sementes veio em 2011, também através dos técnicos da Cáritas. Eu já havia conhecido as casas de sementes lá em Tianguá e achei muito bom, achei que era muito viável aqui pro Semiárido, porque até eu tenho dito que as secas maiores que têm tido por aqui, foi a falta das sementes e muitas vezes o corte de terra, pra quem costuma cortar terra, porque muitas vezes fica a espera do trator e das sementes.



- Por um acaso, se agora a gente estivesse esperando as sementes do governo, já tinha perdido 20 dias de chuva. Eu já tenho planta bem crescadinha, fava, milho e feijão, tudo em andamento, se estivesse esperando por essas sementes do governo e pelos cortes de terra, aí muita gente perdia o inverno porque aqui o período do inverno está sendo 2 meses de chuva. Com a casa de sementes, a gente tem as sementes, na hora que chove a gente já vai plantar, já fica mais fácil de colher.

- Já foram cadastradas 20 famílias, agora por cima vai ter uma capacitação, pode chegar a 50 famílias. Aí já houve a distribuição das sementes, não foi todo mundo, porque essas sementes que a gente tinha, foi a gente que fez o resgate. O que tem a gente tá dividindo com as famílias daqui e que veio de longe. A gente distribui com os vizinhos também, se expandindo mais um pouco, fazendo a distribuição com o pouco que a gente tem pra ver se assegura a semente criola que a gente tem aqui.

Envolvimento da comunidade

- O que eu acho de bom é as pessoas se reunirem, essa coletividade pra mim é muito bom, desde 2000 assim nesse trabalho coletivo. A casa de sementes motivou muito as pessoas aqui da região, está todo mundo interessado, pegando as sementes. O que a gente distribui, já sabe como é a devolução, porque a gente quer que a semente se multiplique. Quem por um acaso leve 5kg de sementes, traz assim vamos dizer, 6 ou 10 quilos de sementes.

Conhecimento, diversidade e resistência das sementes criolas

- Esse feijão aqui (com uma garrafa de feijão na mão), a gente conhece como chifre de carneiro, ele é um feijão das bargens em forma de C, é muito antigo, ele tem acho que mais de 80 anos que ele circula aqui no nosso município e a gente tinha perdido as sementes. Com esse projeto da casa de sementes, a gente conseguiu fazer o resgate dessa semente. É um feijão muito bom muito carregador e muito antigo que a gente pode chamar de semente criola, porque isso aqui é criola mesmo né.

- Tem esse aqui também que é o feijão sempre verde, que também é muito antigo aqui na nossa região, também é uma semente que tem muitos anos que a gente planta dela. Aí vem esse milho crioulo, esse milho crioulo aqui, eu consegui a semente dele, veio lá de minas gerais. Eu estive em uma reunião lá em Recife, aí eu consegui trazer a semente desse milho. Tem esse também aqui que é o milho crioulo, esse milho aqui eu consegui este ano, olha ele tem 18 carreirinhas na espiga. Já desbulhei, guardei dele e já plantei dele. Esse milho aqui, ele veio do México, foi a professora Marlene Dantas que veio da Universidade Estadual da Bahia, ela esteve aqui 3 dias comigo e trouxe as sementes.

- Eu costumo dizer que semente pouca eu tenho muito. Esse aqui eu costumo chamar de canaro amarelo, ele é bem amarelinho. Eu plantei ele aqui e consegui colher ele com quatro espigas em um pé só. Tem essa fava aqui que a gente dá o nome a ela de espírito santo, aí eu tenho a mulatinha branca, tem a raio do sol, tem umas 5 ou 6 variedades de fava, aí tem essa mulatinha branca que é muito boa no comércio.

- Aqui é onde eu acho que está as vantagens do crioulo, porque o milho do governo, a gente planta, se ele estiver chegando no ponto de safrejar, passar 8 ou 10 dias de verão, já era e esse milho crioulo aqui, ele passa 15, 20 dias e quando chove ele levanta a espiga e sustenta, ele é muito resistente. Produz mais que o outro, porque acontece que o outro falha 8 ou 10 dias de chuvas ele se perde e esse pela resistência que tem, às vezes as chuvas falham e quando voltam ele safreja normalmente.